

DO MITO DA CAVERNA DE PLATÃO ÀS “NOVAS PRISÕES” DO CONHECIMENTO ENFRENTADAS NA PÓS-MODERNIDADE: A NECESSIDADE DA LIBERTAÇÃO¹

THE MYTH OF CAVE OF PLATO'S "NEW PRISONS" CONFRONTED KNOWLEDGE IN POST-MODERNITY: THE NEED FOR LIBERATION

Daniela Martins MADRID²

RESUMO

O presente trabalho estuda o mito da caverna de Platão relacionando-o às “novas prisões” do conhecimento existentes na pós-modernidade – tais como shopping center, condomínios fechados, televisão, residências, dentre outros – demonstrando a necessidade de uma “libertação” dentro do atual mundo capitalista e consumista que conduz às pessoas ao individualismo exacerbado em detrimento dos problemas sociais, da violação aos direitos fundamentais, da afronta à dignidade da pessoa humana e, conseqüentemente, da ausência de inclusão social. Dentro da problemática levantada busca-se demonstrar que a ausência de questionamento dentro da realidade que é imposta às pessoas conduz à estagnação uma vez que impede a busca pelo verdadeiro conhecimento. Objetiva-se, dessa forma, apontar que há a necessidade de afastar a totalidade excludente marcada pelo capitalismo, consumismo e individualismo e, que seja oferecida atenção especial ao “Outro”, que faz parte de uma realidade excludente, ou seja, mister se faz que ocorra uma resistência ao quadro atual e que seja promovida a “libertação” de todas as pessoas, para que juntas possam fazer parte de uma única realidade e verdade. Para isso, torna-se fundamental o despertar da sociedade para a solidariedade e fraternidade como forma de garantir a verdadeira luta pela justiça. Para atingir esta finalidade, o trabalho está centralizado/delimitado seguindo os métodos dedutivo e comparativo além da técnica de pesquisa bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Mito da Caverna de Platão. “Novas Prisões”. Conhecimento. Direitos Fundamentais. Exclusão Social. Libertação. Fraternidade.

ABSTRACT

This paper studies the myth of Plato's cave relating it to the "new prisons" of knowledge in the post-modernity - such as shopping center, closed residential neighborhoods, television, residences, among others - demonstrating the need for a "liberation" in the current world of capitalism and consumerism that leads people to the exacerbated individualism at the expense of social problems, the violation of fundamental rights, the affront to human dignity and therefore the absence of social inclusion. Within the issue raised we try to demonstrate that the absence of questioning into the reality that is imposed on people leading to stagnation since it prevents the search for true knowledge. The purpose is to point out that there is a need to remove all excludent labeled by capitalism, consumerism and individualism, and that special attention be given to the "Other" who is part of a reality excludent, ie occupation is to occur is resistance to the current situation and making it easier to "liberation" of all people, so that together they can be part of one reality and truth. For this, it becomes essential to the

¹ Artigo Científico elaborado no Curso de Mestrado em Ciência Jurídica da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) para a disciplina: “Direitos Humanos e Processo Penal” sob a orientação do Prof.º Gilberto Giacóia.

² Discente do Curso de Mestrado em Ciência Jurídica da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Professora Universitária, Supervisora de Prática Profissional e Supervisora de Monografia/TC das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente e advogada.

awakening of society for solidarity and brotherhood in order to guarantee the real struggle for justice. In order to attain this purpose, the work is centered/delimited following the deductive methods beyond technique and comparative literature search.

KEYWORDS: Myth of the Cave of Plato. "New Prisons". Knowledge. Fundamental Rights. Social Exclusion. Liberation. Fraternity.

INTRODUÇÃO

O estudo ora proposto enfocou a alegoria da caverna de Platão enfatizando a sua permanência ainda na pós-modernidade em que a sociedade ainda encontra-se cercada pela “escuridão”, sem conseguir retirar o “véu da ignorância” e, conseqüentemente, enxergar a verdadeira realidade e atingir/conquistar o pleno conhecimento.

A justificativa e a relevância social de se abordar este objeto de estudo estão relacionadas ao fato de que a sociedade está envolta por “novas formas de prisões do conhecimento” marcadas pelo massacrante capitalismo, pelo consumismo desmedido, pela aceitação da cultura e das informações sem tecer nenhum tipo de questionamento e, acima de tudo, pelo crescente individualismo que faz com que uma parcela da população passe a não mais enxergar a realidade de exclusão ao seu redor por acreditar que não possui nenhuma responsabilidade com os problemas sociais.

Destarte, a problematização central levantada reside no fato de que estas pessoas continuam vivendo em um “mundo ideal” – que poderia ser denominado de “as novas cavernas de Platão” tais como: shopping center, condomínios fechados, televisão, dentre outras formas – sem se atentarem para os verdadeiros problemas do “mundo real” marcado pelas ofensas aos direitos fundamentais que direcionam as pessoas mais hipossuficientes – que não conseguem adentrar neste “novo mundo” – ao total esquecimento, colocando-as fora da proteção do direito excluindo-as da própria vida.

Nesta linha de raciocínio, o objetivo posto em foco foi apontar que estas “novas prisões” do conhecimento levam as pessoas à alienação por acreditarem em algo que não é verdadeiro. Por outro lado, as pessoas que estão dentro desta condição fazem parte de uma totalidade excludente e dominante sem se importarem com o “Outro”, com o seu próximo e, acabam, “trancando-se/fechando-se” dentro do seu mundo ideal/imaginário.

Deste modo, o presente trabalho abordou, também, como objetivo, a necessidade veemente de ocorrer uma “libertação” deste quadro atual como forma de garantir o

afastamento desta totalidade e, a inclusão social das pessoas em uma única realidade/verdade sem segregação.

Para que fosse possível entender o problema levantado tornou-se vital a delimitação de seu estudo e a sua estruturação da seguinte forma: análise sobre o mito da caverna de Platão; exame sobre a ausência de conhecimento como forma de alienação, ou seja, acorrentamento da alma; demonstração e interligação das novas “prisões” do conhecimento que poderiam ser consideradas como as “novas cavernas” de Platão e, por fim, demonstração sobre a necessidade da resistência e da “libertação”.

Desta maneira, o referencial teórico adotado partiu da análise das ideias de Platão constantes no livro “A República” sobre o mito da caverna, aliando-a aos apontamentos de José Saramago sobre o Centro Comercial/Centro Econômico, que pode ser comparado a um shopping center na obra “A Caverna”, para após fazer um paralelo com a obra “Leviatã” de Thomas Hobbes sobre o conhecimento e com os apontamentos sobre ideologia de Marilena Chaui no livro “O que é Ideologia”, até chegar à necessidade da resistência por meio da Filosofia da Libertação de Enrique Dussel.

Como forma de solucionar o questionamento levantado acima foi utilizado - para a realização do presente trabalho - como método principal/de abordagem o método dedutivo, uma vez que se partiu de uma visão geral sobre o mito da caverna de Platão até chegar ao ponto específico que são “as novas prisões do conhecimento” e a necessidade de uma libertação para que ocorra a inclusão social.

Para que se pudesse atingir a finalidade mencionada foi utilizado, também, como método acessório o método comparativo visto que foi realizado um estudo comparativo entre a alegoria da caverna de Platão e as novas formas de aprisionamento do conhecimento existentes na pós-modernidade.

Como técnica de pesquisa foi utilizada - como forma de coletar e analisar os materiais pesquisados - a pesquisa indireta bibliográfica (por meio de doutrinas, revistas, revistas jurídicas, artigos científicos, e demais publicações científicas).

1 DO MITO DA CAVERNA DE PLATÃO

O fato das pessoas reproduzirem uma falsa realidade que lhe são impostas sem pararem para questionar é uma condição da própria natureza humana que precisa ser superada.

As pessoas nascem, crescem e passam a reproduzir modelos que lhe são transmitidos por meio da cultura, da música, da moda e da educação sem questionar/indagar sobre aquela imposição, ou seja, as pessoas são influenciadas tanto no plano nacional como internacionalmente.

As “verdades” são simplesmente “postas” e “rotuladas” como sendo algo único, acabado e inquestionável sendo que, esta constatação não é uma consequência, apenas, da atual pós- modernidade.

Platão, em seu livro “A República” (1999, p. 225) já levantava esta ideia trabalhando o estado da natureza humana relativamente à instrução e à ignorância. De acordo com esta alegoria algumas pessoas nasceriam e viveriam, com as pernas e pescoços acorrentados, dentro de uma caverna subterrânea de costas para a entrada, de modo que não conseguiriam se mexer e nem enxergar senão o que seria projetado à sua frente, pois as correntes os impediriam de voltar à cabeça para a entrada da caverna.

Dentro desta situação, as pessoas enxergariam, apenas, as sombras projetadas à sua frente por um foco de luz - vindo de uma fogueira acesa ao lado de fora da caverna - que conseguira adentrar este ambiente.

Platão (1999, p. 225) afirma que estas sombras seriam de outras pessoas, objetos e animais que viviam fora da caverna e eram projetadas para dentro deste “mundo” e, vistas a vida inteira – pelas pessoas que lá habitavam – como formas verdadeiras e não sombras, uma vez que era a única realidade que conheciam. Assim, estas sombras passam a ser confundidas com a própria realidade e com a verdade, ou seja, passa-se a confundir o ser com o não ser.

Dessa maneira, as pessoas enxergavam uma realidade distorcida, uma vez que aquilo que era visto dentro da caverna era apenas um reflexo, uma projeção do mundo real que acontecia ao lado de fora e, que era desconhecido pelos habitantes da caverna.

A sombra projetada era tida como verdadeira e inabalável porque era a única coisa que conseguiam “enxergar” sendo, portanto, a única visão possível da realidade. Verifica-se, assim, que este “mundo das sombras” não se resumia apenas ao mundo da escuridão, mas,

sobretudo, ao “mundo da ignorância”, ou seja, da ausência total de conhecimento uma vez que possuíam uma falsa percepção da realidade e, conseqüentemente, da verdade.

Por acreditar que as sombras que viam eram a própria realidade não imaginavam que pudesse existir uma outra realidade fora da caverna e, não buscavam conhecer e muito menos sair em busca do novo e da “verdade”.

Segundo esta alegoria da caverna de Platão (1999, p. 226-227) quando um dos prisioneiros conseguisse se libertar e ir ao lado de fora da caverna acabaria por enfrentar a luz do sol e, em um primeiro momento, ficaria ofuscado, mas, logo após, conseguiria se acostumar e enxergar a verdadeira forma das pessoas, dos animais e dos objetos que eram projetados e vistos, apenas, por meio de sombras nas cavernas, ou seja, passaria a enxergar as coisas assim como elas eram, ou em outras palavras, passaria a ver a realidade e a verdade realmente como elas são e não por meio de suas sombras/aparências.

Contudo, segundo Platão (1999, p.228) se este prisioneiro que se “libertou” retornasse à caverna e narrasse à realidade que encontrou ao lado de fora, ou seja, a “verdade” por detrás das sombras antes vistas seria taxado de louco e acabaria sendo morto pelos demais habitantes da caverna, que não iriam aceitar/concordar com a verdade que lhe estaria sendo apresentada pela primeira vez.

Assim, com a saída do homem da caverna é possível observar que é possível ao homem conhecer a realidade. No entanto, se é possível conhecer a realidade o que justifica a realidade de exclusão que as pessoas continuam enfrentando na atual pós-modernidade sem que exista, como contraponto, uma luta/resistência dentro deste cenário?

Verifica-se, por meio de um olhar crítico, que os problemas apontados dentro da Alegoria da Caverna de Platão e, já enfrentados no passado, encontram-se atualmente ainda maiores sendo este o objeto/foco deste estudo.

Nesta linha de raciocínio, merece destaque, também, uma outra crítica feita à condição humana que vem estampada no livro “A Caverna” de José Saramago (2000) que é uma leitura moderna da alegoria da caverna de Platão que retrata – assim como apresentado por Platão – a ignorância, como sendo um objeto em que o ser humano seria um constante prisioneiro, além de apontar os desastres provenientes pelas práticas capitalistas desumanas e desleais destacadas dentro do “Centro Comercial”.

Esta ignorância, que fora retratada anos antes de Cristo por Platão e confirmada por José Saramago, apresenta-se hoje ainda mais fortalecida e preocupante por ser uma das causadoras da exploração da miséria e por garantir uma alienação das pessoas diante da

massacrante inversão de valores enfrentada por uma sociedade capitalista e, estritamente consumista, em que “o ter” passou a ser mais valorizado do que “o ser”.

É esta ignorância, aliada à ausência de conhecimento, que será retratada a partir de agora.

2 A AUSÊNCIA DE CONHECIMENTO E O “ACORRENTAMENTO DA ALMA”

É a possibilidade de conhecer o mundo que dá uma visão infinita/abrangente da vida sendo que esta característica está intrinsecamente ligada/associada ao homem. Por este motivo, a busca pelo saber, pelo conhecimento precisa ser incessante, pois é ela o “combustível” da vida.

Na visão de Pedro Demo (2000) é preciso dominar a capacidade de “aprender a aprender” e saber pensar, dessa forma, questionar aquilo que é imposto como verdade torna-se salutar.

Assim, analisando a alegoria da caverna de Platão (1999) quando o prisioneiro se “liberta da caverna”, o que na verdade ele está fazendo é buscar a natureza da verdadeira realidade o que o conduz, conseqüentemente, a um processo de verdadeiro conhecimento, por não se contentar com uma suposta verdade que lhe foi imposta durante toda a vida.

É esta “chama” da busca do conhecimento que não deve ser apagada jamais. Não se contentar com a realidade e, buscar melhorar o mundo ao seu redor, é responsabilidade do homem, característica esta que o distingue dos animais.

Portanto, a frase: “Penso, logo Existo” de René Descartes precisa ser reformulada para: “Penso, Pergunto, Questiono, logo Existo”. Dessa maneira, verifica-se que é a pergunta que move o conhecimento e não as meras respostas. As respostas levam à estagnação, ao ócio, porque induz a pessoa a acreditar que tudo já foi pensado e solucionado, sendo que a realidade e a verdade seriam apenas um modelo/molde a ser seguido, sem ser questionada porque seria absoluta e pré-estabelecida.

O problema detectado aqui é que nem tudo o que é repetido e utilizado no dia a dia pelas pessoas pode ser considerado como verdadeiro. Não há como decorar padrões quando o assunto é a vida aliada ao conhecimento.

Neste diapasão merece destaque um trecho da obra “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa (1970, p. 51-52) que diz:

A gente vive repetido, o repetido, e, escorregável, num minuto, já está empurrado noutro galho. Acertasse eu com o que depois sabendo fiquei, para de lá de tantos assombros... Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. Mesmo fui muito tolo! Hoje em dia, não me queixo de nenhuma coisa. Não tiro sombras dos buracos. Mas, também, não há jeito de me baixar em remorso. Sim, que só duma coisa. E dessa, mesma, o que tenho é medo. Enquanto se tem medo, eu acho até que o bom remorso não se pode criar, não é possível. (Grifou-se).

Verifica-se, assim, que há a preocupação, não apenas do mundo científico, mas também, da literatura em relação à população aceitar padrões prontos e repetir àquilo que é apresentado como verdadeiro. Por este motivo, João Guimarães Rosa coloca, neste romance, por meio de uma linguagem bem simples, que as pessoas vivem “repetindo o repetido” simplesmente por terem medo, sendo que o medo impede a criação. Contudo, o próprio autor coloca que não se pode “tirar sombras do buraco” sendo que, por este motivo, é necessário buscar o conhecimento, “a luz”, ou seja, criar e não reproduzir apenas uma mera aparência.

No livro “Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil”, Thomas Hobbes (1997, p. 44) fala sobre a Linguagem no capítulo IV trazendo uma passagem em que narra que à subida do homem à torre de Babel representou, também, a busca pelo conhecimento. Assim, as pessoas disseminaram-se em várias partes do mundo para encontrar o novo e não porque foram castigadas e forçadas a irem embora por sua rebelião e esquecimento de sua primitiva linguagem. Com esta “saída” da população para outras regiões elas acabaram por aprender/conhecer outras línguas e, isto, não pode ser visto como uma punição ou castigo e, sim como a busca pelo novo/pelo conhecimento.

Verifica-se, assim, que para impedir a busca pelo novo e, garantir o controle da sociedade, os detentores do poder utilizavam-se (e, ainda, utilizam) do medo para intimidar as pessoas, para que estas caíssem na estagnação, parassem de questionar, aceitassem a imposição e garantissem o bom funcionamento do “sistema”.

É como as aves, narradas na obra acima (HOBBS, 1997, p. 47), que “entrando numa chaminé e vendo-se fechadas num quarto, adejam em torno da enganadora luz de uma janela, por não possuírem a sabedoria suficiente para atentarem por que caminho entraram”, assim como aconteceu com as pessoas que habitavam a caverna dentro da mitologia elaborada por Platão.

Portanto, a ausência do conhecimento conduz a sociedade à ignorância e acaba por acorrentá-la em “novas prisões”, que poderiam ser interpretadas como as “cavernas modernas” de Platão na atual pós-modernidade, podendo ser resumidas em: shopping center

ou Centro Comercial – assim como trabalhado por José Saramago (2000) – condomínio fechado, televisão, mídia, as residências das pessoas, dentre outras.

Estas “novas prisões”, da pós-modernidade, acorrentam a alma e conduzem a humanidade a um processo de estagnação, alienação, violação aos direitos fundamentais e a afronta à dignidade da pessoa humana; além de garantir a exclusão e esquecimento social, conforme será destacado a seguir.

3 AS “PRISÕES” DO CONHECIMENTO DA PÓS-MODERNIDADE: A “NOVA CAVERNA” DE PLATÃO

Observa-se, assim, que a mitologia de Platão ainda encontra-se presente nos dias atuais e, mascarada por outras formas de “cavernas”, que retratam as “novas prisões do conhecimento”.

Dentro desta linha de raciocínio, as pessoas continuam a receber as informações que lhe são transmitidas a vida inteira sem indagar a origem e o motivo daquilo e, acabam repassando e repetindo aquele conhecimento, como se fosse uma verdade inatingível.

Nas palavras de Gilberto Giacóia (2012, p. 2) é importante observar que “segue ele educação imposta pelos veículos oficiais de comunicação. É praticamente obrigado a enxergar imagens e a ouvir sons nem sempre desejados, que violam seu domicílio projetando modelo que não é o seu” (Grifou-se).

Dessa maneira, as pessoas apenas repetem atitudes sem pararem para pensar o porque da repetição. Passam a viver dentro de seus próprios “mundos” fechando-se para a verdadeira realidade; assim “está hoje o homem recolhido, cada vez mais, em sua casa, seu reduto, seu reino, seu castelo” (GIACÓIA, 2012, p. 2)

Dentro desta realidade o homem acaba criando o seu “mundo ideal”, ideológico, que não existe e, a partir desta “formulação”, não consegue mais enxergar o “mundo real” que está “ao lado de fora” desta falsa percepção.

Nesta linha de raciocínio Marilena Chaui (1995, p. 21) ao estabelecer “O que é Ideologia” disciplina em sua obra que:

Além de procurar fixar seu modo de sociabilidade através de instituições determinadas, os homens produzem ideias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas ideias ou representações, no entanto, tenderão a

esconder dos homens o modo real como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia (Grifou-se).

O fato de que o homem está sendo cercado por este mundo fictício e ideológico, acaba por mascarar/ocultar a verdadeira realidade social, o que permite um crescente e assustador cenário marcado por: generalização das fraudes; mercados financeiros almejando, cada vez mais, lucros desmedidos, influenciados pela esmagadora globalização; aumento da corrupção que segue níveis assustadores e desumanos, uma vez que o dinheiro desviado em práticas corruptas acaba não chegando ao seu real destino que seria: a educação, a saúde, a habitação, a segurança, dentre outros, o que faz com que ocorra uma exclusão cada vez maior da população menos favorecida e seja crescente a desconsideração dos indigentes.

Neste ínterim, por meio da ideologia “os homens legitimam as condições sociais de exploração e dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas” (CHAUI, 1995, p. 21)

Assim, dentro deste cenário merece destaque, como objeto de estudo, a figura do centro comercial, ou melhor, do shopping center, narrada no livro “A Caverna” de José Saramago (2000) como sendo uma das formas das “prisões modernas” – marcadas pelo capitalismo avassalador – que poderia ser comparada com a antiga “caverna” narrada por Platão. Isso ocorre porque dentro do shopping center as pessoas³ acabam projetando e vivendo em um mundo ideal, como se a vida se resumisse a vitrines e a comprar e, como se não existisse vida ou outra realidade fora daquilo que está sendo oferecido/ofertado, ou seja, fora daquela “fantasia”.

Destarte, as pessoas acabam sendo “prisioneiras” do capitalismo e vivendo em um mundo de “sombras”, irreal, marcado pelo consumo e por valores supérfluos. Observa-se, desse modo, que está ocorrendo uma inversão de valores humanos em que aquilo que realmente é relevante/preocupante a nível social - que atinge os próprios direitos fundamentais consagrados na Constituição Federal - é “desconhecido” e desconsiderado diante das “ofertas” e “incentivos” do mundo capitalista e consumista.

Neste sentido é importante observar a visão de Marilena Chaui (1995, p. 19):

O idealista, por sua vez, considera que o real são ideias ou representações e que o conhecimento da realidade se reduz ao exame dos dados e das operações de nossa consciência ou do intelecto como atividade produtora de ideias que dão sentido ao real e o fazem existir para nós (Grifou-se).

³ Sobretudo as que possuem um poder aquisitivo maior.

Verifica-se, assim, que estas pessoas não conseguem enxergar efetivamente aquilo que está realmente acontecendo, ou seja, não conseguem ver ou associar todos os problemas sociais que existem fora daquele ambiente (mundo fictício/ideológico) e passam a acreditar fielmente que “o mundo está perfeito”, sem nenhum problema e que não possuem nenhuma ligação/responsabilidade com a miséria e com o abandono do povo e, o pior, acabam não mais “enxergando” esta triste realidade.

Desse modo, esta parcela da população para de pensar/questionar, por exemplo, por que tem mendigos nas ruas e acredita que esta situação é normal; até chegar a um ponto em que esta realidade é tão constante que nada mais impressiona a sociedade, que passa a não mais “enxergar” estas pessoas excluídas nas ruas de tão “natural” que este cenário se tornou. Assim, a população deixa de questionar e, simplesmente, passa a aceitar, sem se insurgir contra este cenário.

Nesta linha de raciocínio, “não pensar o outro, e não pensar o novo, como diria Hannah Arendt, é a condição do mal” (ALVES, 2010, p. 23).

Alexandre Vincenzo Barone (s.d.; s.p.), observando esta realidade, afirma que:

Os consumidores aprisionam-se às vitrines, hipnotizados pelo vai e vem do relógio. Como seres autômatos consumistas mergulham novamente na *agnóia*, desarticulando sua opinião *doxa* e voltando novamente para as sombras disformes, formadas pelo próprio corpo da luz azulada fúlgida do ecrã da televisão (Grifou-se).

Neste cenário, as pessoas passam a acreditar, por meio de uma visão distorcida de uma notícia transmitida pela televisão, que o excluído é uma ameaça à sociedade e, que todos são criminosos, ou seja, passam a enxergar o “mundo real” com os olhos preconceituosos de outra pessoa (no caso, com os olhos do próprio telejornal), pois não param para pensar se aquela informação se aplica realmente e, apenas, começam a seguir e a repetir parâmetros que foi transmitido.

Ainda dentro deste contexto, param de “enxergar” a verdadeira realidade ao seu redor como: crianças abandonadas pedindo esmola no semáforo, pessoas morrendo nas filas dos hospitais, a parcela da população que é posta às margens do direito⁴, dentre outros e, criam uma resposta para estes acontecimentos: “é só fechar o vidro do carro, as portas das suas residências e, desviar o olhar para não enxergar nada fora do seu ‘mundo ideal/fictício’ que o problema estará resolvido”.

⁴ Expressão utilizada por Fernando de Brito Alves (2010).

E é esta forma de resolução dos conflitos que uma grande parcela da população vem adotando em relação aos problemas sociais. Usam métodos paliativos como mudar para um condomínio fechado para obter segurança pública, ou passam uma tarde inteira em um shopping center, onde não se adentra a miséria e nenhum problema social, ou trancam-se em suas residências aceitando tudo o que a televisão e a mídia lhes impõe como verdade absoluta.

Neste ponto, Alexandre Vincenzo Barone (s.d.; s.p.) ao fazer um estudo/interpretação sobre a obra de José Saramago afirma que:

Alegoricamente, o Centro Comercial é visto como uma caverna moderna. Lá tudo passa a ser artificial, o sol cede lugar à energia elétrica, a natureza às vitrines, o cidadão ao consumidor. O homem imerge novamente na penumbra e nas sombras fantasmagóricas, passando a acreditar nas sombras como realidade. O mundo do consumo, desde Karl Marx, como se sabe, é baseado em cima do fetiche e da alienação. O hiper-consumismo, disseminado no mundo pós-moderno, voltou-se para sedução do homem, ditando modelos de comportamento social uniformes [...] (Grifou-se).

Neste diapasão, as pessoas só se interessam aos ditames da moda, do consumo, ao mundo das aparências em que o ter é melhor do que o ser, ou seja, ter o melhor e mais caro automóvel do ano, comprar as mais belas roupas de grifes – que demonstram a ostentação do dinheiro e do poder - (o valor destas roupas, na maioria das vezes, chega próximo a de um apartamento simples), comer nos mais requintados restaurantes e, consumir as mais caras bebidas, dentre outros atos superficiais, o que demonstra que o homem voltou para a era da “escuridão” dentro da “caverna” de Platão por meio, também, da nova visão de caverna de José Saramago, uma vez que continua a ocorrer e, a imperar, uma falsa percepção da realidade/verdade.

Percebe-se, assim, que “o capitalismo consegue com suas cavernas (shoppings, centros comerciais, etc.) tornar o ser humano um mero objeto diante da angústia de ser descartado ou utilizado enquanto for capaz de andar às esteiras das exigências econômicas” (ETERNO, s.d., s.p.)

Ao lado desta realidade surge a cara de um novo Brasil: um Brasil contrastante marcado pelo crescente abandono da população carente que vivem às margens do direito sem voz para gritar, que se encontram excluídas do mundo e da vida. Esta outra parcela da população nem sequer sabe que tem direito a ter direitos na feliz concepção de Hannah Arendt e, também, passa a aceitar esta exclusão que lhe é imposta acreditando que não merece nada além do pouco/mínimo do que já fora oferecido.

Neste sentido destaque-se que:

O oprimido, o torturado, o que vê ser destruída a sua carne sofredora, todos eles simplesmente gritam, clamando por justiça:

Tenho fome! Não me mates! Tem compaixão de mim! – é o que exclamam esses infelizes.

Estamos na presença do escravo que nasceu escravo e que nem sabe que é uma pessoa. Ele simplesmente grita. O grito – enquanto ruído, rugido, clamor, protopalavra ainda não articulada, interpretada de acordo com o seu sentido apenas por quem “tem ouvidos para ouvir” – indica simplesmente que alguém está sofrendo e que do íntimo da sua dor nos lança um grito, um pranto, uma súplica. É a interpelação primitiva. (DUSSEL, 2005, p. 19)

Neste ponto surge o seguimento questionamento: “Onde está o direito, que tem a função de distribuir a cada um o que é seu?”

É preciso que ocorra uma libertação desta “nova caverna” da pós- modernidade. É preciso resistir e lutar para que se consiga atingir a Justiça, muito mais do que o direito. Assim, a luta pelo direito defendida por Rudolf Von Ihering (2004) precisa ir muito mais além e ser uma busca incessante, acima de tudo, pelo conhecimento e pela justiça.

A necessidade de impor uma resistência a este quadro aliado à libertação de toda a população é matéria que será tratada na sequência.

4 NECESSIDADE DE RESISTÊNCIA: A “LIBERTAÇÃO” DE ENRIQUE DUSSEL

A ausência de conhecimento, a exploração capitalista, consumista e cultural colocadas perante à sociedade aliadas à ausência de questionamentos sobre esta imposição e, a falsa impressão de que são necessárias e corretas, conduzem às pessoas à falsa percepção da realidade, à alienação e à estagnação conforme detectado acima.

Diante desta afirmação, surgiu um cenário imposto e marcado por inúmeras desigualdades sociais onde os atores principais passaram a ser: a miséria, a fome, a pobreza, a exclusão levando a população “esquecida” – coadjuvantes deste palco – a se anular e a “desaparecer”, sendo que, do outro lado, há uma população mais favorecida economicamente que ignora esta realidade e acaba fechando-se em “novos mundos”/“cavernas” sem se preocuparem com o próximo, ou melhor, com o outro.

Verifica-se, assim, que as pessoas que vivem dentro desta “nova caverna” – do “mundo ideal” – fazem parte de uma totalidade excludente e dominadora, sendo que fora desta totalidade – “mundo real” – há a exterioridade onde se encontram os excluídos do sistema, do mundo e da vida.

É possível observar, portanto, que há uma totalidade excludente e dominadora – proveniente do capitalismo massacrante e opressor – que impede a exterioridade, ou seja, as pessoas vivem sem reação e sem a consciência da “ruptura da bolha”, expressão esta utilizada pelo Prof.º Gilberto Giacóia⁵.

Desta maneira, pode-se aplicar, por analogia, a “Filosofia da Libertação” de Enrique Dussel⁶ - sobre a exclusão da América Latina diante do modelo opressor do eurocentrismo - à exclusão das pessoas em um mesmo espaço territorial/em um mesmo país diante das “novas prisões/cavernas” da pós-modernidade, que ditam regras a serem seguidas sem que ocorra um devido questionamento sobre o conhecimento imposto.

Assim, é possível constatar que o pensamento da libertação se contrapõe aos discursos hegemônicos, seja aquele modelo econômico em que colocam o mercado, o capitalismo e o consumo, como uma nova matriz do pensamento, sejam os outros modelos da filosofia européia.

Dentro destes apontamentos a Filosofia da Libertação, também seria - neste quadro atual - a libertação de toda forma de opressão do oprimido, do excluído desta “nova caverna”, do explorado, da cultura massacrada e imposta como verdadeira e aceita pelas pessoas dentro da atual “modernidade tardia” ou “pós-modernidade”; além de representar, também, uma libertação do capitalismo, do consumismo e do individualismo que marca a outra realidade da população brasileira.

Observa-se, desse modo, que o problema é estrutural sendo necessário “desconstruir” esta totalidade vigente/dominadora/opressiva, afastar o mundo do “Eu”/do individualismo, da “nova caverna” de Platão ou “novas prisões” e, “reconstruir” uma nova e verdadeira realidade baseada na preocupação do “Outro”, do excluído desta “caverna” (o outro é o exterior – lógica da exterioridade”) para que ocorra a busca do conhecimento e da verdade como forma de proteção dos direitos fundamentais e, conseqüentemente, do respeito à dignidade da pessoa humana.

De acordo com Gilberto Giacóia (s.d.; p. 6) “a salvaguarda dos direitos do indivíduo, num mundo cada vez mais conturbado por ideologias truculentas atualizadas sob o signo do avanço tecnológico, torna-se impositiva na construção de sociedades verdadeiramente democráticas e modernas”.

⁵ Anotações de aula da disciplina Direitos Humanos e Processo Penal ministrada pelo Prof.º Gilberto Giacóia, na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), em Jacarezinho/PR no ano de 2011.

⁶ A analogia que se busca fazer, neste capítulo, com a obra “Filosofia da Libertação” de Enrique Dussel parte de critérios de totalidade e exterioridade dentro de um mesmo país e não em países diferentes, assim como proposto no livro, que retrata o modelo eurocêntrico e a realidade latino-americana.

Neste contexto, Enrique Dussel (2005, p. 47) afirma que é necessário manifestar eficazmente “a razão do Outro”, ou seja, é necessário que as pessoas saiam de seus “mundos fictícios/ideológicos”, dos seus shopping center, dos seus condomínios fechados, dos seus gabinetes refrigerados⁷ e de toda forma de alienação que as conduzem a um “mundo imaginário” e “ideal” e despertem/libertem-se saindo do mundo da escuridão para o mundo da luz, da ignorância para o conhecimento, ou seja, para o “mundo real”, da verdade e não da ilusão.

Assim, com a retirada do “véu da ignorância”⁸, a sociedade passaria a se preocupar com o Outro, ou seja, com o mendigo, o indigente, com a criança que pede esmola no semáforo, com o excluído que já não possui forças de gritar e nem sabe sequer que é uma pessoa detentora de direitos.

Neste contexto, observa-se que “há que se buscar o exato equilíbrio entre o progresso tecnológico e a capacidade de reação individual que assegure as condições vitais de sobrevivência digna” para que seja possível garantir o cumprimento dos direitos fundamentais, a dignidade da pessoa humana e a inclusão social (GIACÓIA, s.d.; p. 6).

Por este motivo, é necessário que ocorra a “saída do homem da caverna”, “das novas prisões” que “sufocam e acorrentam a alma” e, assim, ocorra a “ruptura da bolha” da alienação.

É fundamental romper com a totalidade/com a ordem imposta pelo capitalismo, pela mídia, pelo consumismo, pelo individualismo e pela cultura importada para que se promova a inclusão social, para que todos passem a fazer parte de uma mesma realidade, de um mesmo conhecimento, do mesmo mundo real e não ideal e, de uma mesma verdade, sem exclusões e sem afrontas/violações aos direitos fundamentais; atendendo, dessa forma, à dignidade da pessoa humana.

Segundo Dussel (2005, p. 56) é preciso prestar atenção às dificuldades que são sentidas pela população – enquanto pessoas, culturas ou comunidades, filosofias periféricas, não hegemônicas, dominadas, exploradas, excluídas – na comunicação.

É preciso “abrir” os olhos para a realidade atual; para a miséria que envolve a população; para o descaso na saúde pública e na educação; para a fome e abandono das pessoas que as colocam fora da proteção do Direito; para o capitalismo e o consumismo opressor que levam a outra parcela da população, mais favorecida economicamente, ao

⁷ Expressão utilizada pelo Prof.º Gilberto Giacóia na disciplina “Direitos Humanos e Processo Penal” ministrada na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), em Jacarezinho/PR no ano de 2011.

⁸ Expressão utilizada por John Rawls (2000).

individualismo exacerbado e; é preciso dar “voz para quem não tem voz” e “destampar os ouvidos” para ouvir as pessoas que estão às margens do direito.

Neste ínterim, Enrique Dussel (2005) afirma que a Filosofia da Libertação interessa-lhe assim não como um fim, mas sim como um elemento do processo de auto-realização da dignidade da pessoa onde o “excluído” torna-se-ia sujeito de sua própria história uma vez que passaria ser “visto” pelos membros da totalidade.

Dessa maneira, a Filosofia da Libertação pode ser denominada como a libertação da exclusão, da miséria, da opressão, da “razão do Outro” e do individualismo.

Assim, é imprescindível “sair da caverna”, “romper a bolha”, dar voz para quem não tem voz e estar disposto a ouvir. É preciso cortar a corrente do individualismo, do ódio, da opressão e da exclusão para ocorrer a Libertação. Se não é possível promover a felicidade de alguém não promova/não seja responsável pela sua infelicidade.

É necessário abandonar/libertar-se da comodidade egoísta/não participativa do “Eu” e estar aberto ao apelo do OUTRO. Portanto, a Filosofia da Libertação está relacionada à uma Filosofia da Solidariedade e da Fraternidade e precisa ser aplicada urgentemente como forma de resistência, de luta pela justiça, pelo conhecimento e pela “verdadeira” verdade.

Na visão de Paulo Sérgio Rosso (2008, p. 36) o princípio da solidariedade está relacionado com a contraprestação devida pela existência dos direitos fundamentais, sendo que se a pessoas têm direitos; possuem, também, em contrapartida, o dever de prestar solidariedade àqueles que se encontram em uma posição menos favorecida, ou seja, mais frágil que as condições daquelas.

Quando a pessoa perde a sua capacidade de pensar, de indagar o mundo ao seu redor e para de se impressionar com o mundo real, apenas, aceitando àquilo que lhe é transmitido e, se preocupando, exclusivamente, com os seus problemas pessoais e não com o OUTRO; ela não pode mais ser considerada como pessoa, pois deixou morrer a única característica que a distinguia dos demais animais: o poder de pensar/questionar que difere da simples aceitação do mundo ideal.

O homem sábio é aquele que diante de todo este cenário, consegue – por meio de uma caminhar solidário e fraterno – enxergar além deste mundo ideal/pessoal e buscar eficazmente atender a razão do “Outro” por reconhecê-lo como uma pessoa detentora de direitos, enxergando que isto é mais importante do que o mundo do consumo, do capitalismo e do individualismo, ou seja, o mundo desta pessoa só estará perfeito se o do seu próximo também estiver.

Assim, pode-se resumir o grito da Filosofia da Libertação em uma única frase: “Fraternidade: adote e passe adiante!”

CONCLUSÃO

A frase do poeta Fernando Pessoa “Navegar é preciso, viver não é preciso” sintetiza a proposta do estudo ora elaborado, ou seja, “viver” seguindo imposições sem parar para pensar sobre aquilo, sem conhecer e questionar a realidade e a verdade ao seu redor não pode ser considerado como vida; assim como também não pode ser denominado “vida” a exclusão social que conduz à parcela hipossuficiente da população a sobreviver e não a vida.

Contudo, “navegar” em busca do conhecimento/do novo, no mundo das indagações, desprender-se das “verdades” “postas” e “rotuladas” preocupando-se com o “Outro” com o próximo é a razão da própria existência humana.

Portanto, torna-se vital que ocorra a “saída das cavernas pós-modernas” e que as pessoas – que se encontram no “mundo ideal” ou da ideologia – passem a enxergar os problemas relacionados a toda a sociedade; deixando de lado o mundo imaginário/superficial que o capitalismo, o consumismo, os ditames da moda podem trazer dentro de um mero shopping center, ou ainda, dos imensos condomínios fechados ou das suas próprias residências, ou dos noticiários e da televisão.

Neste íterim, surge a imprescindibilidade da resistência e da “libertação” como forma de sair da “alienação” que está cercado as pessoas para que estas se preocupem não com o ter, mas sim com o ser, com o excluído, com a violação dos direitos fundamentais e da dignidade da pessoa humana, que impedem a operacionalização da justiça e a inclusão social.

Dessa forma, o momento é de “libertação” e da busca incessante pelo verdadeiro conhecimento. É a hora de tirar “o véu da ignorância” e abrir os olhos para a verdadeira realidade de descaso que a população vem enfrentando. É preciso “enxergar” com os seus próprios olhos e não por meio da opinião elaborada por outra pessoa.

É preciso despertar para um novo Brasil que possua como lema a Solidariedade e a Fraternidade como forma de inclusão do Outro.

Acorda Brasil! A sua hora é agora!

REFERÊNCIAS

ALVES, Fernando de Brito. **Margens do direito: a nova fundamentação do direito das minorias**. Porto Alegre: Nuria Fabris, 2010;

BARONE, Alexandre Vincenzo. **A asfixia globalizante em a caverna de José Saramago**. Disponível em: <
http://www.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/01_2007/08_artigo_alexandre_v_barone.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2012;

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: de 5 de outubro de 1988**. 31. ed. São Paulo: Atlas, 2010;

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. 39.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995;

DEMO, Pedro. **Conhecer & Aprender - Sabedoria dos limites e desafios**. Porto Alegre: ARTMED, 2000

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da libertação: crítica à ideologia da exclusão**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

ETERNO Retorno. Disponível em: <<http://www.eternoretorno.com/2008/09/08/a-caverna-de-jose-saramago-e-a-de-platao/>>. Acesso em: 27 fev. 2012;

GIACÓIA, Gilberto. **Liberdade – resistir é preciso**. Disponível em: <
<http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/Anais/Gilberto%20Giacioia.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2012;

_____. **Anotações de aula de Direitos Humanos e Processo Penal**. Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Jacarezinho, 2011;

HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil**. São Paulo: Nova Cultural, 1997;

IHERING, Rudolf Von. **A luta pelo direito**. Tradutores J. Cretella Jr., Agnes Cretella. 4. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004;

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Porto Alegre: ArtMed, Belo Horizonte: UFMG, 1999;

PLATÃO. **A república.** Tradutor Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999;

RAWLS, John. **Uma teoria de Justiça.** Tradutores Almiro Piseta e Lenitan M.R. Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970;

ROSSO, Paulo Sergio. Solidariedade e direitos fundamentais na Constituição Brasileira de 1988, **Argumenta:** Revista do Programa de Mestrado em Ciência Jurídica da FUNDINOPI – UENP, Jacarezinho, n. 9, p. 27-42, jul./dez. 2008. Disponível em: <
http://www.cj.uenp.edu.br/ccsa/mestrado/index.php?option=com_docman&Itemid=69 >. Acesso em: 29 fev. 2012;

SARAMAGO, José. **A caverna.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000;

SARLET, Ingo Wolfgang. **A eficácia dos direitos fundamentais.** 10. ed. rev. atual. e ampl. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2010;

_____. **Dignidade da pessoa humana e direitos fundamentais na Constituição Federal de 1988.** 3.ed. rev. atual. e ampl. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004;

SORJ, Bernardo. **A nova sociedade brasileira.** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001;